

PERGUNTAS A BERNARDO PIRES DE LIMA

Investigador do IPRI



“Trump usou o GOP como barriga de aluguer”

Bernardo Pires de Lima considera que Donald Trump apenas deu forma a um descontentamento que já existia nas bases do Partido Republicano. Mas admite que a sua nomeação será um “momento absolutamente marcante” para o Grand Old Party (GOP).

O Partido Republicano é agora o partido de Donald Trump?

Os partidos dos EUA são agrupamentos de facções. Não são como os partidos europeus. Trump dá expressão a um discurso que já existia. Ele é uma consequência habilidosa e manipuladora disso. Mas o partido não se esgota em Trump. Ele é o condutor de uma mensagem que amplificou. Usou o Partido Republicano como barriga de aluguer.

Trump transformou a base do partido?

Os valores já lá estavam. Podiam era não ter amplificação. A imigração estava lá. O que estes políticos fazem – Trump, Farage, Johnson, Orbán... – é dar-lhes expressão e apelar aos instintos mais básicos.

Trump será um fenómeno passageiro na História do Partido Republicano ou representa uma viragem?

É um momento absolutamente marcante e abre uma ferida grande no partido. Se Trump perder a eleição, podem ser 16 anos de travessia do deserto. Se ganhar, trará a oficialização do discurso do ódio e uma ruptura com a política externa americana do pós-guerra. ■

Quando um partido pede que o adversário seja preso

Trump ganhou a nomeação republicana, mas ainda não tem o partido unido. Uma das estratégias para o conseguir é organizar um ataque de peso contra Hillary Clinton.

Ataques violentos entre candidatos presidenciais não são uma novidade, mas a campanha de Donald Trump está a elevar a retórica para outro nível. Nos primeiros dois dias da convenção republicana, a democrata Hillary Clinton foi omnipresente: gritos de “culpada!”, pedidos de prisão e até acusações de ligações... ao diabo.

Numa altura em que o Partido Republicano ainda está a tentar reorganizar-se depois do furacão Trump, com inúmeras feridas abertas, o elemento unificador do partido parece ser o ódio a Clinton, incentivado pelos oradores e consumido em euforia pela audiência.

Uma das principais mensagens é que Clinton deveria ser presa. Logo no primeiro dia, depois de o público começar a gritar “prendam-na!”, o orador – Tenente-general Michael Flynn – parou para concordar com o coro: “Sim, prendam-na!” Uma mulher que perdeu o filho no ataque ao consulado de Benghazi também se deixou contagiar: “Hillary para a prisão!” Um terceiro interveniente fez uma piada sobre a roupa da ex-primeira-dama, dizendo que ela ficaria melhor de laranja (cor da roupa dos prisioneiros nos EUA).

Até figuras destacadas do partido usaram retórica deste

Primeiros dias da convenção foram marcados por ataques a Clinton.

tipo. Chris Christie, candidato nestas primárias republicanas que acabaria por desistir para se tornar uma espécie de “número 2” de Trump, fez um discurso bastante agressivo, em que pedia para que o público, a cada acusação que ele fazia, gritasse “culpada!”. Várias vezes seguidas.

Talvez o momento mais bizarro tenha vindo de Ben Carson, outro candidato às primárias, que chegou até a liderar as sondagens nacionais. Carson diz que um dos mentores de Hillary é Saul Alinsky, que “reconhece Lúcifer” como o primeiro radical (no seu livro “Rules for Radicals”). “Pensem nisso”, pede à audiência. “Estamos dispostos a eleger alguém para presidente que tem como modelo alguém que reconhece Lúcifer?”

Esta tendência para criminalizar o debate político não é nova nem exclusiva dos republicanos – lembra-se de Bush ser acusado de criminoso de guerra? –, mas as acusações partem normalmente das bases ou de elementos afastados das lideranças. Trump está a fazer disso uma das principais vias de ataque a Clinton, colocando-a sob os holofotes da convenção, na boca de alguns dos maiores pesos pesados.

A estratégia é compreensível. Pode ser mais fácil deitar abaixo Hillary Clinton do que promover Trump. O que ambos têm em comum é a sua impopularidade. Os republicanos estão a aproveitar a má opinião que os americanos têm de Hillary para a atacar, sabendo que o seu candidato poderá não conseguir ganhar muitos pontos. ■

NUNO AGUIAR

PRESIDENTE DO CES

Mais de 60 deputados do PS e PSD recusam nome acordado

Os dois maiores partidos acordaram que Correia de Campos seria o novo presidente do Conselho Económico e Social. Porém, muitos dos seus deputados rejeitaram o nome.

PS e PSD acordaram o nome de Correia de Campos para presidente do Conselho Económico Social (CES), mas o plano saiu-lhes furado. O antigo ministro socialista foi chumbado conseguindo apenas 105 votos favoráveis dos 221 deputados que estiveram presentes, quando precisava de dois terços de aprovações. No melhor dos cenários (admitindo que os nove deputados ausentes eram dos dois maiores partidos e que todos os outros grupos parlamentares não votaram favoravelmente), conclui-se que houve pelo menos 61 deputados do PS e do PSD que ignoraram o acordo celebrado pelos seus partidos.

Segundo a mesa da Assembleia da República, citada pela Lusa, Correia de Campos teve 93 votos brancos e 23 nulos, num processo feito com voto secreto.

Após meses de impasse, na sexta-feira passada, o PSD e o PS chegaram a um acordo para que o socialista Correia de Campos sucedesse Luís Filipe Pereira (também antigo ministro da Saúde, mas dos executivos de

Durão Barroso, PSD/CDS) no cargo de presidente do CES.

Como contrapartida da indicação de Correia de Campos para presidente do CES, o PS comprometeu-se a aceitar uma proposta do PSD quando se colocar a questão da substituição do Provedor de Justiça em 2017.

Já a lista única de cinco nomes proposta pelo PSD e PS para o Tribunal Constitucional alcançou hoje os dois terços de votos necessários por parte dos 221 deputados votantes, anunciou hoje a mesa da Assembleia da República. O PS propôs Cláudio Monteiro (antigo deputado independente socialista), Joana Maria Rebelo Fernandes Costa (juíza) e a magistrada Maria Clara Sottomayor (após consulta ao Bloco de Esquerda), enquanto o PSD escolheu o professor universitário Manuel da Costa Andrade e Gonçalo Almeida Ribeiro.

Também a lista de nomes apresentada pelos dois maiores partidos para o Conselho Superior de Magistratura passou no crivo dos deputados, com 165 votos favoráveis. ■ ME/COM LUSA

Bruno Simão



Apesar do acordo entre PSD e PS, Correia de Campos não passou na AR.